

EDITORIAL

Este volume da Revista do GEL traz um conjunto de textos dedicados à Historiografia Linguística, composto de três artigos e uma resenha. É com grata satisfação que, entre eles, acolhemos contribuições de duas das maiores autoridades na área, Pierre Swiggers e Cristina Altman, e dois estudos bastante consistentes, realizados por Vitral e por Ragi. O texto de Swiggers reúne considerações teórico-epistemológicas e diretrizes metodológicas para o tratamento da metalinguagem da Linguística em perspectiva historiográfica. Ragi analisa formas de descrição da declinação casual nos nomes substantivos em quéchua durante os séculos XVI e XVII. Vitral discute a formulação da antinomia saussuriana sincronia/diacronia e algumas de suas revisões, defendendo a hipótese de que essas intérpreções de Saussure partem de um ponto de vista realista. Altman apresenta e avalia a coletânea de 12 trabalhos reunidas em *Missionary Linguistics IV/ Lingüística Misionera IV*, tecendo, a partir desses textos, comentários sobre o próprio percurso da área de investigação.

Um segundo conjunto de trabalhos descreve e interpreta aspectos semânticos e gramaticais, dando destaque ao Português do Brasil. Godoy analisa a alternância de diátese apresentada por verbos lexicalmente recíprocos, argumentando contra uma possível sinonímia entre as formas simples e descontínua desses verbos e propondo uma distinção entre as noções de reciprocidade e simetria. Knöpfle e Valenza comparam e discutem o comportamento dos verbos semelfactivos do inglês com os do PB. Em perspectiva funcional, Ko. Freitag discute noções semântico-discursivas envolvidas no passado imperfectivo, e Pezzatti e Fontes tratam das chamadas interrogativas-Q.

Por fim, o terceiro conjunto de investigações investe em zonas interdisciplinares em que a Linguística desempenha papel de destaque. O trabalho de Silva e Melo investiga a interferência do discurso de autoajuda nas representações de professor de língua, enquanto o de Tonocchi, Nishida e Silva propõe, a partir de experimento, que, ao contrário do que tem afirmado certa literatura médica, a característica patológica da fala de sujeito portador de fissura palatina não é a “troca” de um som por outro, mas a organização temporal da cadeia da fala.

Trata-se de, pois, de um número que, ao lado de práticas de descrição e análise linguística, propõe reflexões sobre a história e diálogos enriquecedores para nossa área de estudos.

Em mais esta oportunidade, agradeço aos colegas que nos enviaram essas boas contribuições, à equipe de pareceristas, às comissões editorial e executiva, às equipes de revisão e de editoração e à Diretoria do GEL. Ao esforço de todos eles deve-se a publicação de mais este bom número da Revista.

Olga Ferreira Coelho
Editora Responsável